



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

## **Valorização da Cultura do Campo: Horta Escolar**

PATO BRANCO

2014

MARCIANE DE OLIVEIRA CAMPOS CAVASIN

### **Valorização da Cultura do Campo: Horta Escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Marcos Aurelio Zanlorenzi

PATO BRANCO

2014

## Valorização da Cultura do Campo: Horta Escolar

Marciane de Oliveira Campos Cavasin<sup>1</sup>

Marcos Aurelio Zanlorenzi<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho objetiva demonstrar a importância da valorização dos aspectos culturais dos educandos inseridos no campo, estabelecendo vínculos entre suas experiências cotidianas e as atividades curriculares por meio do projeto Horta Escolar. Partindo da problemática envolvendo a desvalorização dos povos do campo perante a sociedade, o Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia possibilitou metodologias diferenciadas a seus alunos, com o intuito de dialogar sobre a realidade do meio onde estão inseridos e as práticas pedagógicas dos docentes. O trabalho encaminhou-se com a pesquisa bibliográfica acerca da Educação do Campo vindo ao encontro de minha experiência vivenciada como coordenadora pedagógica neste estabelecimento de ensino. No decorrer do processo ensino e aprendizagem foram mediadas atividades de modo a contemplar os conteúdos de algumas disciplinas com as práticas realizadas no projeto, trabalhando a interdisciplinaridade curricular e viabilizando uma alimentação mais saudável no âmbito escolar. Os resultados foram extremamente significativos tanto para minha prática pedagógica como para a valorização dos educandos inseridos na escola do campo em seus aspectos culturais e sociais.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Valorização. Cultura. Prática Pedagógica.

### Introdução

O relato que se segue é resultado de uma experiência vivenciada no Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia na cidade de Coronel Vivida, Paraná, durante o ano letivo de 2013, onde foi possível participar e acompanhar o processo educativo acerca do projeto.

Buscando valorizar os aspectos culturais dos educandos inseridos no campo e estabelecer vínculos entre suas vivências cotidianas e o processo ensino e aprendizagem, é que se pensou na necessidade de desenvolver um projeto voltado a essa realidade.

---

<sup>1</sup> Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, Pós-graduada em Gestão Escolar e Educação Especial.

<sup>2</sup> Educador Mediador – UFPR Litoral.

Viabilizar uma educação que dialogue com a realidade dos educandos inseridos no campo e proporcionar-lhes um aprendizado voltado às suas necessidades para que possa se desenvolver neste meio é a principal preocupação dos educadores, equipe pedagógica e direção deste estabelecimento de ensino.

Este trabalho terá embasamento teórico bibliográfico de autores que trazem conhecimentos acumulados e significativos acerca da importância da valorização do educando do campo enquanto ser social, suas lutas, manifestações e anseios, vindo ao encontro da minha experiência vivenciada como coordenadora pedagógica no Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia.

O objetivo principal deste relato é demonstrar a importância das escolas no campo e sua contribuição cultural para a sociedade, despertar o interesse e envolver o pensar sobre esta temática que é cada vez mais preocupante, já que não estão sendo oferecidos subsídios suficientes para o homem do campo permanecer e se desenvolver no seu meio cultural.

Com isso a escola viabilizou a seus alunos o projeto da Horta Escolar, primando pela valorização da cultura do campo, pensando nos resultados de curto, médio e longo prazo, onde o educando não se desmotive diante da atual situação do homem do campo, que muitas vezes é obrigado a deixar suas propriedades para buscar outras formas de renda.

## **1.0 O Projeto Horta Escolar no Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia**

O Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia localiza-se a 18 quilômetros da cidade de Coronel Vivida, seu acesso se torna difícil devido à precariedade das estradas, mas em contrapartida ao se chegar lá nos deparamos com um ambiente acolhedor e de inúmeras possibilidades.

A escola atende alunos provenientes das comunidades de Santa Lúcia, Caravagio, São Pedro, São Sebastião, Cristo Rei e Águas do Lambedor, oriundos em sua maioria de famílias de nível socioeconômico médio a baixo. Estes alunos necessitam de transporte escolar oferecido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Secretaria Estadual de Educação.

A principal fonte de renda destas famílias depende do plantio de soja e milho nos pequenos pedaços de terra dos quais são proprietários ou agregados, que conseqüentemente são vendidos na cidade, da bovinocultura leiteira e pelo trabalho assalariado e ou diário para os granjeiros da região.

A principal preocupação da comunidade escolar é a garantia de uma educação de qualidade voltada às necessidades do educando, buscando adequá-la as especificidades de sua demanda entendendo que, como a escola está inserida no campo, é fundamental valorizar este espaço como um direito a este cidadão que ali está inserido.

Conforme Arroyo,

Assumir a educação como direito de todo cidadão e como dever do Estado significou um avanço. As políticas públicas e os ordenamentos legais passaram a ser inspirados nessa concepção de direitos. Entretanto, isso não tem significado avanços no reconhecimento das especificidades de políticas para a diversidade de coletivos que fazem parte de nossa formação social e cultural. A ênfase na educação como direito de todo cidadão deixa explícitas tensões na concepção de direito, de educação, de cidadania, de políticas públicas: ver e defender esses direitos como generalistas sem o reconhecimento das diferenças. (ARROYO, 2005, p.160)

Ao mesmo tempo, acredita-se que a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno se defronta com situações que exijam investigação, reflexão, construção e empenho, ou seja, as atividades escolares não devem ser olhados como fatos prontos e definidos, mas como construção e apropriação de um conhecimento que poderá servir para compreender e transformar sua realidade e buscar, através disso, ampliar os conhecimentos por meio de atividades diversificadas e do desenvolvimento das mesmas, de forma que possibilite o envolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Pensando na perspectiva de se valorizar e estabelecer vínculos ainda maiores com o meio onde a escola está inserida é que se pensou na necessidade de se desenvolver um projeto que contemplates os saberes e experiências cotidianas dos alunos, tendo como embasamento teórico os princípios educacionais estabelecidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/EN nº 9394/96 em seu Artigo 28:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996, p.11)

Assim, buscando atender estas especificidades é que foi desenvolvido o projeto Horta Escolar pensado e formulado no segundo semestre de 2012 e que teve maiores resultados no decorrer do ano letivo posterior, onde foi possível acompanhá-lo ativamente e participar das atividades que aconteciam no âmbito escolar e fora dele, quando necessário.

Por meio das atividades desenvolvidas no projeto foi possível vivenciar as experiências cotidianas dos alunos e através delas ensinar e aprender, de modo a entendê-los melhor associando a teoria e a prática com a realidade que esta escola do campo está inserida, valorizando assim sua identidade.

De acordo com as Diretrizes Educacionais da Educação do Campo

Entender o campo como um modo de vida social contribui para auto afirmar a identidade dos povos do campo, para valorizar o seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser, os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza e como ser da natureza. Trata-se de uma valorização que deve se dar pelos próprios povos do campo, numa atitude de recriação da história. (BRASIL, 2006, p. 26)

Tendo em vista que o homem do campo carrega consigo uma identidade que está vinculada a suas lutas e anseios, assim também seus filhos terão o direito e o dever de lutar por sua valorização e permanência em seu meio, buscando alternativas e subsídios para manter-se e não perder sua identidade.

Para iniciar os trabalhos foi fundamental a participação dos pais, que contribuíram com o importante e necessário conhecimento, desde o auxílio no trabalho braçal para a limpeza e preparo da terra onde seriam plantados os primeiros experimentos, como na orientação durante as atividades do projeto, com a socialização de seus conhecimentos para o cultivo e colheita dos produtos. No princípio era tudo muito novo para o corpo docente e funcionários da escola, mas

em contrapartida é uma realidade comum aos educandos que trouxeram para o ambiente escolar suas vivências do dia a dia.

O Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia teve a preocupação de possibilitar a seus educandos uma educação voltada a sua realidade, com base nas suas vivências cotidianas e mediados pelos professores foi possível vincular as atividades desenvolvidas no projeto com as atividades em sala de aula, onde não foram somente repassados os conteúdos programáticos, mas direcionadas as práticas na horta escolar com a teoria em sala.

Estando de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, quando indaga a importância da investigação e a valorização da identidade dos povos do campo, o projeto também entende que:

No âmbito da educação do campo, objetiva-se que o estudo tenha a investigação como ponto de partida para a seleção e desenvolvimento dos conteúdos escolares, de forma que valorize singularidades regionais e localize características nacionais, tanto em termos das identidades sociais e políticas dos povos do campo quanto em valorização da cultura de diferentes lugares do país. (BRASIL, 2006, p.31)

O projeto teve como coordenadora a professora da disciplina de Geografia, com apoio efetivo da direção e equipe pedagógica da escola, salientando a importante participação da família sempre que solicitado.

No período da manhã os alunos estavam em sala, cumprindo as atividades curriculares pertinentes à série/ano correspondente, e duas tardes na semana desenvolviam as atividades do projeto, sendo alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. A matrícula no projeto era facultativa, sendo ofertadas quarenta vagas e todas foram preenchidas.

O interesse pelas especificidades do campo vinculado a prática educativa motivou de imediato os educandos. Por se tratar da sua realidade e perceberem que a escola está dando importância a sua cultura, deram autonomia para a escola desenvolver metodologias diferenciadas, com o objetivo de valorizar as suas experiências, propondo um diálogo entre a comunidade escolar e a identidade dos povos do campo.

Conforme Paulo Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. (FREIRE, 1996, p. 47)

Os resultados mais significativos foram percebidos no decorrer do ano letivo de 2013, onde já era possível colher os frutos do trabalho desenvolvido pelos alunos e pela comunidade escolar, resultados esses observados em sala de aula quando os professores associavam a teoria e a prática desenvolvidas no projeto, com a alimentação mais saudável, já que todos os produtos colhidos na horta serviam de complementação da merenda escolar.

No começo foi observada certa dificuldade de associar as práticas realizadas no projeto com as práticas pedagógicas em sala de aula pelos docentes, pois todos os professores que atuam nesta escola do campo são oriundos da cidade, onde também lecionam, tendo em vista que o currículo das escolas do campo deste Núcleo de Educação não é diferenciado das escolas urbanas, assim esse foi um ponto a ser acompanhado. Segundo Paulo Freire (1996, p.40) “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Neste momento foi necessário trabalhar cautelosamente para que os docentes entendessem a importância de se diferenciar a metodologia utilizada com os alunos provenientes do campo e adequar suas práticas em sala de aula, flexibilizando os conteúdos curriculares com a experiência acumulada e os novos aprendizados acerca do projeto.

Segundo Saviani, o professor é um estimulador e um orientador no processo ensino aprendizagem, com isso as ações educativas se darão de maneira espontânea na relação professor aluno.

O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos, tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente e da relação viva que se estabelece entre os alunos e entre estes com o professor. (SAVIANI, 1991, p. 21)

O que contribuiu muito para que os demais docentes entendessem a importância de se valorizar os aspectos culturais de seus educandos e flexibilizar as atividades curriculares em sala foi o constante trabalho da equipe diretiva, pedagógica e por parte da professora coordenadora do projeto, por ser a única docente que ainda residia no campo e incansavelmente lutava por esta interdisciplinaridade curricular.

## **2.0 Trabalho interdisciplinar desenvolvido: Alimentação saudável**

Através das atividades desenvolvidas no projeto foi possível obter resultados significativos, tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto nos resultados materiais, pois com os produtos produzidos e colhidos na horta foi possível complementar a merenda escolar.

A escola atende os alunos do projeto no contra turno e, com isso, é preciso oferecer-lhes uma refeição além da merenda escolar, já que todos residem longe da escola e precisam ficar em tempo integral nos dias do projeto. Para isso é necessário ter um cardápio variado para satisfazê-los.

O trabalho de preparação da terra, adubação e plantio foi realizado de acordo com o clima e período de plantio de cada variedade. Este trabalho foi realizado com o apoio dos pais que, juntamente com seus filhos, por serem conhecedores desta realidade, compartilharam seus conhecimentos acerca de quais seriam as épocas do ano para o plantio, o clima necessário para cada variedade, qual o adubo orgânico a ser utilizado, etc.

Nesse sentido, Caldart coloca que:

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2005, p.149)

Com a horta na escola a variedade de alimentos se expandiu significativamente, foram cultivados temperos, ervas medicinais, verduras e legumes que complementavam a merenda oferecida aos alunos. Pensando numa alimentação mais saudável e orgânica já não era utilizado nenhum tipo de produto químico na horta.

As funcionárias responsáveis pela cozinha juntamente com a Direção estipularam um cardápio onde se encaixavam os alimentos produzidos na horta que, de acordo com os alimentos oferecidos no dia, era complementado com algum produto, seja no seu preparo ou de acompanhamento.

Durante a preparação dos enlatados são utilizados os temperos dando-lhes maior sabor, estes que são industrializados e contêm muitos conservantes. As saladas servem de complemento para as comidas salgadas, ou seja, o feijão, o arroz, as carnes e massas. Dependendo da variedade das saladas são servidos *in natura* ou cozidas a vapor para não perder seus nutrientes e sabor natural.

As saladas verdes que mais se adequaram ao terreno úmido dos canteiros preparados na escola foram a alface, a chicória e as de variedades mais amargas. Os canteiros ficavam entre os blocos das salas onde os raios do sol não atingiam por muito tempo durante o dia, assim tivemos alguns problemas com infestação de minhocas e caramujos, mas com o auxílio dos pais foi preparado uma solução de água e algumas ervas para banhar a terra semanalmente que ajudava amenizar o problema.

Outras variedades de salada também são cultivadas, o tomate, o pepino, o repolho, a beterraba, a cenoura e a cebola que são preparadas individualmente ou agregadas umas às outras, dependendo da quantidade colhida na semana. Algumas dessas utilizadas como tempero juntamente com a salsinha e cebolinha de folha.

A escola já dispunha de uma Cisterna que foi construída um tempo antes de implantar o projeto da horta na escola. Este é um recurso muito importante no

período de estiagem que afeta a região anualmente, pois a água da chuva é coletada por meio de calhas e armazenada num reservatório de trinta mil litros para, posteriormente, ser utilizada para irrigar a horta quando necessário e para as limpezas gerais na escola.

Com isso as merendas ficam mais saborosas e se aproximam das preparadas pelas mães em casa. Comidas mais fortes e nutritivas contendo alimentos saudáveis que sustentam e dão energia para o bom aproveitamento em sala de aula, já que a maioria dos alunos sai de casa bem antes do horário sem tomar café da manhã ou sem o almoço, para dar tempo de ir até o ponto do ônibus e percorrer um longo trajeto até chegar à escola. Assim necessitam de uma merenda que os sustente e de forças no período letivo, pois uma criança com fome não tem condições e nem capacidade de proporcionar resultados positivos no âmbito escolar.

### **3.0 Importância do Pedagogo na mediação do processo: Meu relato de experiência**

O trabalho do coordenador pedagógico contribui para a formação continuada dos professores, portanto, cabe ao pedagogo a organização das práticas de formação que devem ser planejadas, estabelecendo quais assuntos serão abordados e discutidos com os professores. Essa especificidade pedagógica é fundamental para ter a sequência do trabalho garantida e para que ocorra o direcionamento das práticas metodológicas pelos professores.

No decorrer do ano letivo de 2013 foi possível acompanhar o projeto Horta Escolar e participar de suas atividades juntamente com os alunos, professores e direção, que se engajaram na perspectiva de se valorizar e aprender com as vivências de seus educandos enquanto conhecedores das atividades no campo.

A preocupação enquanto pedagoga foi despertar o interesse dos educadores e demonstrar a importância de se compreender a escola do campo como meio de interação social, onde as atividades poderiam ser direcionadas à realidade de seus educandos e construir coletivamente uma aprendizagem significativa.

Para tanto, concordando com Paulo Freire, é fundamental que se problematize os educandos levando-os a criticidade com o mundo, ou seja:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentiram desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais desafiados a responder o desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1988, p.40)

Nesse sentido, o professor pedagogo é parte fundamental tanto no processo ensino e aprendizagem no âmbito escolar, como no processo de mediação formativa dos educadores da escola. Nas escolas do campo é ainda mais importante sua interação e intervenção nas práticas metodológicas dos docentes, tendo em vista a importância da valorização dos aspectos culturais do meio em que a escola está inserida.

A responsabilidade da equipe pedagógica é fortalecer o vínculo entre o aluno do campo, suas características e vivências, com o professor, que muitas vezes sente-se despreparado para atuar com tal realidade, fortalecer e promover meios para que a aprendizagem seja significativa em meio às especificidades deste educando.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo

Os sujeitos do campo têm direito a uma educação pensada, desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais. Sendo assim, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo denotam um importante instrumento para a construção de uma educação pública e gratuita e de qualidade, presente e que respeite e valorize a diversidade humana, contribuindo assim com a construção de uma sociedade cada vez mais justa e solidária. (BRASIL, 2006, p.09)

Com isso foi necessário despertar o educador para as possibilidades existentes na escola do campo, que não se limitam apenas à sala de aula, mas oportunizam um ambiente diferenciado que fornece espaços além da sala para se trabalhar e desenvolver as atividades curriculares, diversificando sua prática e usando dos recursos oferecidos no campo.

Esta mediação aconteceu durante as formações pedagógicas, reuniões escolares, conselhos de classe, hora atividade e no cotidiano escolar. Com isso, o

pedagogo é responsável pelo fortalecimento deste vínculo, entre a grandiosidade do ambiente onde a escola do campo se insere e todos os demais que ali frequentam, onde é possível ensinar e aprender com as experiências vivenciadas e socializadas pelos educandos.

Segundo Paulo Freire

Não posso investigar o pensar dos outros, referindo ao mundo, se não penso. Mas não penso autenticamente, se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros, nem para os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. (FREIRE, 1988, pág. 101)

As atividades se direcionavam de acordo com as áreas afins. Nas disciplinas de Matemática e Física os professores abordavam a temática envolvida nos cálculos de medição de terreno, onde os alunos usavam trenas e fitas métricas para calcular a área e perímetro dos canteiros que seriam construídos, também foi trabalhado com cálculo da porcentagem necessária de sementes e mudas para determinado local, de acordo com seu tamanho territorial.

Já na área da Biologia e Ciências os alunos e seus professores pesquisavam quais as variedades de sementes e mudas que se adaptariam na região e qual o período de plantio de cada uma. Após o plantio e colheita das hortaliças foram selecionadas suas sementes e construído um sementeiro com o objetivo de guardar uma quantia razoável de cada espécie.

Diante do trabalho desenvolvido o objetivo futuro é a cada colheita poder selecionar e armazenar estas sementes para disponibilizar à comunidade as variedades que não possuem ou que se perderam por algum motivo, retomando o cultivo em suas hortas, ou seja, fazer com que todas as famílias dos alunos participantes do projeto e os que ainda não participam sintam-se estimulados em conservar suas hortas nas suas propriedades.

Durante as aulas de Língua Portuguesa trabalhou-se a produção textual e a pesquisa direcionada para as dificuldades encontradas no desenvolver do projeto horta escolar, onde os alunos expressavam, através da escrita, suas experiências e

seus aprendizados de maneira mais formal, tendo como mediador o professor da disciplina.

Na disciplina de Geografia e História os alunos trabalhavam o espaço territorial e a historicidade das plantas cultivadas na horta, vindo ao encontro de suas práticas. A professora da disciplina de Geografia, por ser a coordenadora do projeto, tem mais facilidade de relacionar suas atividades extraclasse com seu planejamento curricular, por se tratar de uma vivência própria e entendedora da importância da valorização de seus educandos enquanto seres inseridos no campo e pertencentes a esta realidade social.

As demais disciplinas procuravam envolver as práticas acerca dos trabalhos desenvolvidos no projeto de forma mais dinâmica. Alguns conteúdos possibilitavam a participação dos alunos de forma oral onde expressavam suas vivências e socializavam o momento vivido extraclasse. As áreas que dão mais ênfase aos trabalhos desenvolvidos no projeto são a Matemática, Física, Biologia, Ciências, Língua Portuguesa, História e Geografia.

### **Considerações finais**

Tendo em vista a experiência vivenciada foi possível perceber a importância de se trabalhar de forma diferenciada e diversificar as metodologias na escola do campo, onde o principal objetivo é valorizar o meio onde os educandos estão inseridos diante de suas características culturais.

Os resultados do projeto foram tão significativos no decorrer do ano letivo de 2013 que chamou a atenção da Secretaria Estadual da Educação, pois durante a realização das atividades sempre busquei destacar e divulgar os trabalhos desenvolvidos pelos professores e principalmente pelos alunos.

Com isso o Colégio Estadual do Campo do Núcleo de Santa Lúcia foi convidado a participar de um Seminário sobre alimentação saudável no final do ano de 2013 em Curitiba onde foram apresentados os trabalhos e resultados do projeto.

No mesmo período foi oferecida à escola uma parceria entre Secretaria Estadual de Educação, por intermédio do Núcleo de Pato Branco, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Emater e Pastoral da Criança e do Adolescente de Coronel Vivida, para compor e dar assessoria técnica e fornecer recursos para desenvolver

as atividades do projeto que, a partir de 2014, está sendo chamado de Horta Escolar e Gastronomia no Paraná.

Minha vivência resultou em um aprendizado extremamente significativo para minha prática enquanto coordenadora pedagógica, onde pude acompanhar e desenvolver as atividades do projeto de forma efetiva, juntamente com a Direção, professores, educandos e suas famílias, construindo elementos importantes para a valorização dos aspectos culturais da escola do campo enquanto mediadora do processo ensino e aprendizagem, de modo a atender as especificidades do meio onde está inserida.

Portanto temos que possibilitar aos educando da Escola do Campo meios que estabeleçam relações entre suas experiências cotidianas e suas práticas no âmbito escolar, de modo a valorizar sua cultura e sua importância perante a sociedade, dando-lhes respaldo para que permaneçam no meio que estão inseridos, onde possam se desenvolver e sobreviver com os recursos produzidos por si próprios diante das possibilidades existentes.

## Referências

ARROYO, M. G. **Que Educação Básica para os povos do campo?** In: 12 a 16 de setembro de 2005, Goiás – Luziânia. Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST”.

\_\_\_\_\_. M. G. **Formação de educadores e educadoras do campo.** Brasília, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo.** Secretaria de Estado da Educação. Curitiba, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação (LDB) – Lei 9.393/96.** Brasília, 1996.

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo.** In: Santos, C. A. (org.). **Campo, políticas públicas e educação.** Brasília: MDA–Incra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GADOTTI, M. **Educação: Pedagogia da Terra**. 3. ed., São Paulo: Ed. Série Brasil Cidadão. 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara onze teses sobre educação e política. 24<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.